

ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Jul-Dez/2012



ARQUEIRO

26

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Comissão Editorial

Rua das Laranjeiras, nº 232/3º andar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-001
Telefax: (0xx21) 2285-7284/2285-7546/2285-7597 ramal 111
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br

ARQUEIRO

ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Vana Rousseff

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Aloizio Mercadante

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Solange Maria da Rocha

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Maria Inês Batista Barbosa Ramos

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Mônica Azevedo de Carvalho Campello

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Elaine da Rocha Baptista

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES
Rio de Janeiro – Brasil

PROGRAMAÇÃO VISUAL
I Graficci

IMPRESSÃO
Gráfica Walprint

TIRAGEM
4.000 exemplares

ORGANIZADORA DESTA EDIÇÃO
Alexandre Guedes Pereira Xavier
Christiana Leal
Elaine da Rocha Baptista
Gilmara Almeida dos Santos
Maria de Fátima dos Santos Cardoso
Mônica Azevedo de Carvalho Campello
Sarah Miglioli da Cunha Alves
Simone Ferreira Conforto

COMISSÃO EDITORIAL
Rua das Laranjeiras, nº 232 — 3º andar
Rio de Janeiro — RJ — Brasil — CEP: 22240-003
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br

Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos. —
Vol. 1 (jan./jun. 2000) — . — Rio de Janeiro : INES,
2000—
v. : il. ; 21 cm.

Semestral
ISSN 1518-2495

1. Surdos — Educação. I. Instituto Nacional de Educação
de Surdos (Brasil).

CDD — 371.912

Sumário

Editorial	5
Práticas pedagógicas desenvolvidas pelo CAS/RJ: inclusão educacional de pessoas surdas no Estado do Rio de Janeiro	6
Letícia Peçanha Medeiros da Cunha	
Uma experiência de inclusão no curso de Libras	14
Vitória Fidelis Ferreira	
Movimentos surdos: percursos significativos na busca da cidadania	19
Edna Maria dos Santos Alessandra Rezende dos Santos Andrade	
Aconteceu	29
Normas para publicação na revista Arqueiro	31



Editorial

A presente edição da Revista Arqueiro traz para os nossos leitores estudos que mostram as diferentes ações que vêm sendo desenvolvidas com o objetivo de alcançarmos uma efetiva, e bem sucedida, inclusão social e educacional dos estudantes surdos.

Neste sentido, o artigo *Práticas pedagógicas desenvolvidas pelo CAS/RJ: inclusão educacional de pessoas surdas no Estado do Rio de Janeiro*, de Letícia Peçanha Medeiros da Cunha discorre sobre o trabalho que vem sendo realizado nas escolas da rede estadual do Rio de Janeiro, por meio do CAS/Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez, com a finalidade de “promover a política de educação inclusiva e o atendimento às necessidades educacionais dos alunos surdos ou com deficiência auditiva e dos alunos surdocegos, em consonância com a legislação brasileira”. A autora destaca as parcerias realizadas entre o CAS, a APILRJ e o MEC, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão/SECADI e do INES, para o sucesso deste trabalho.

O artigo seguinte, *Uma experiência de inclusão no curso de Libras*, de *Vitória Fidelis Ferreira* apresenta-nos não só os objetivos do Curso de Libras mas os desafios que o INES, por meio da Coordenação do Curso, vem superando, ao oferecer para alunos, pais, profissionais e comunidade o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais, em atenção ao reconhecimento da Libras como uma língua ou seja, “meio legal de comunicação e expressão e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil”.

Em *Movimentos surdos: percursos significativos na busca da cidadania*, Edna Maria dos Santos/Alessandra Rezende dos Santos Andrade relatam “as experiências dos diferentes movimentos Surdos, numa perspectiva histórica, a partir de ações desenvolvidas na E. E. Vicente Machado Menezes de Itabaiana/SE, que têm o objetivo de buscar a cidadania e assegurar os direitos dos surdos, em busca da livre expressão e preservação de sua Cultura e construção de sua Identidade”.

Fechando esta edição, a seção Aconteceu traz informações sobre o *XI Encontro do Grêmio Estudantil do INES — GINES*, que, este ano, teve como tema central o Bullying, que foi abordado de diferentes formas: por meio de Conferências, Mesas Redondas, peça de teatro, filmes e Debates.

Boa leitura!

Práticas pedagógicas desenvolvidas pelo CAS/RJ: inclusão educacional de pessoas surdas no Estado do Rio de Janeiro

Leticia Peçanha Medeiros da Cunha¹

1. INTRODUÇÃO

O Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez - CAS, é um projeto do Ministério da Educação e da extinta Secretaria de Educação Especial - SEESP, com a parceria das Secretarias de Educação dos Estados e dos Municípios. Baseado no projeto inicial do CAS, esses espaços devem desenvolver ações educacionais, visando à educação dos alunos com surdez e com surdocegueira, criando condições para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Atualmente esse projeto encontra-se vinculado a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI, que tem o objetivo de contribuir para a redução das desigualdades educacionais por meio da participação de todos os cidadãos em políticas públicas que assegurem a ampliação do acesso à educação.

Foram implantados trinta CAS, sendo vinte e oito em Secretarias Estaduais e dois em Secretarias Municipais do Brasil. O CAS do Rio de Janeiro foi implantado no ano de 2007, para atender a demanda deste estado no que diz respeito à capacitação de profissionais da educação e atendimento educacional especializado para os alunos com deficiência auditiva, surdez e surdocegueira, visando o seu desenvolvimento educacional e sociocultural.

Atualmente há escolas que “têm se tornado fator de integração da cultura surda brasileira porque as crianças, jovens e adultos se comunicam em Libras — Língua Brasileira de Sinais” (FELIPE, 2007, p.152). Por isso, torna-se necessário que professores e demais profissionais da educação aprendam a Libras para se comunicar com esses alunos.

Neste sentido, esse projeto visa promover a política de educação inclusiva e o atendimento às necessidades educacionais dos alunos surdos ou com deficiência

¹ Fonoaudióloga, Pedagoga, Especialista em Educação Especial/Educação Inclusiva, Mestranda em Informática, Educação e Sociedade/Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, integrante do Grupo de Pesquisa de Neuropedagogia (Instituto Tércio Pacitti (INCE/UFRJ/CNPq). Coordenadora do Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez — CAS RJ/SEEDUC. Professora-mediadora de Informática para alunos surdos na SME de Duque de Caxias.

auditiva e dos alunos surdocegos, em consonância com a legislação brasileira, a qual ressaltamos:

- A Declaração de Salamanca, de 10 de junho de 1994, sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais, proclamam que: *"os sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades; e aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades"*.
- O Capítulo V da LDB, de 1996, sobre a Educação Especial, estabelece no Art. 58, § 1º, que *"haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial"*.
- A Resolução CNE/CBE nº 2, de 11 de setembro de 2001, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, resolve no Art. 12, § 2º, que *"deve ser assegurada, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos curriculares, mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a Língua de Sinais, sem prejuízo do aprendizado da Língua Portuguesa"*.
- A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, diz no Art. 2º, que *"Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil"*.
- O Decreto nº. 5.626/05, que dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras; entre outras. Destacamos no Art. 14, § 1º, inciso III, que *"prover as escolas com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa"*; entre outros profissionais; e o inciso IV, que garante *"o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização"*.

Na Secretaria de Estado de Educação — SEEDUC do Rio de Janeiro, a educação de pessoas com surdez vem se realizando, em classes comuns. A partir desta

perspectiva e evidenciando a legislação vigente no Brasil, nos deparamos com a necessidade de uma ação mais intensificada e direcionada a fim de promover com qualidade, a real inclusão do surdo no sistema regular de ensino. Esta ação vem sendo realizada pelo CAS RJ, que dentre tantas funções, podemos destacar:

- A formação continuada dos professores e demais de profissionais da Educação;
- O Atendimento às pessoas com deficiência auditiva, surdez e surdocegueira;
- A Produção e distribuição de material;
- O Cadastramento de intérpretes, instrutores, professores de sala de recursos e outros profissionais que possam contribuir para educação de surdos;
- Avaliação de tradutores/intérpretes de Libras.

Para isso, contamos com três núcleos, o Núcleo de formação de profissionais da educação; o Núcleo de apoio tecnológico, didático e pedagógico; e o Núcleo de convivência, numa equipe composta por uma Coordenadora - Letícia Medeiros; duas Professoras-orientadoras - Cilaine Magalhães² e Simone Freire³, uma Intérprete Daniela Abreu⁴ e um Instrutor surdo Fernando Peixoto⁵. Essa equipe tem desenvolvido ações em busca do ensino de qualidade para os alunos deficientes auditivos, surdos e surdocegos incluídos em todas as escolas da Rede Estadual.

2. OS NÚCLEOS DO PROJETO

2.1. Núcleo de formação de profissionais da educação

Este núcleo oferece cursos de formação continuada para os profissionais que atuam na área da surdez (Figura 1), procurando atender à demanda da rede Estadual de Ensino. Alguns cursos e capacitações oferecidas: Língua Brasileira de Sinais (Figura 2), Tradução e interpretação de Língua Brasileira de Sinais/ Língua Portuguesa (Figura 3), Língua Portuguesa/Letramento para Surdos, entre outros.



Figura 1. Formação continuada para professores

² Fonoaudióloga. Especialista em Língua Brasileira de Sinais/Faculdades Integradas de Jacarepaguá - FIJ. Professora-orientadora do Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS RJ/SEEDUC.

³ Professora de Língua Português e Literaturas. Especialista Atendimento Educacional Especializado/ Universidade Estadual Paulista - UNESP. Professora-orientadora e Professora do Curso de Letramento para surdos do CAS RJ.

⁴ Tradutora/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa com Certificação de Proficiência para tradução e interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras/PROLibras do CAS RJ.

⁵ Instrutor surdo com Certificação de Proficiência no uso e no ensino da Libras/PROLibras do CAS RJ



Figura 2. Curso de Libras para professores



Figura 3. Formação continuada para Tradutores/Intérpretes de Libras

Temos atribuído a esse núcleo um olhar especial, objetivando socializar informações sobre a educação dos surdos, divulgar e propiciar o atendimento às suas necessidades, suas diferenças e semelhanças com os demais colegas, propiciar a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, além de viabilizar a presença de intérpretes capacitados em sala de aula, tornando a educação desses alunos responsabilidade das escolas públicas, por meio da adequada capacitação dos profissionais da educação. A intenção é dinamizar e desenvolver a melhoria da educação oferecida aos alunos, provendo, principalmente, a melhoria da qualidade da formação continuada de professores e demais profissionais da educação, visando a produção de material visual em vídeos, na adequação de textos, e na adaptação de outros recursos necessários ao processo de ensino-aprendizagem do aluno com surdez.

2.2. Núcleo de apoio tecnológico, didático e pedagógico

A função desse núcleo é apoiar os alunos, os profissionais e a comunidade escolar, por meio de um acervo de materiais e equipamentos específicos ne-

cessários ao processo de ensino e aprendizagem (Figura 4). Também oferece recursos didáticos específicos para o ensino e aprendizagem da Libras e para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua. Além de dar suporte técnico à produção de materiais didáticos (em CD ou DVD) em Língua de Sinais, adequar materiais de complementação didática, tornando-os acessíveis aos alunos surdos.

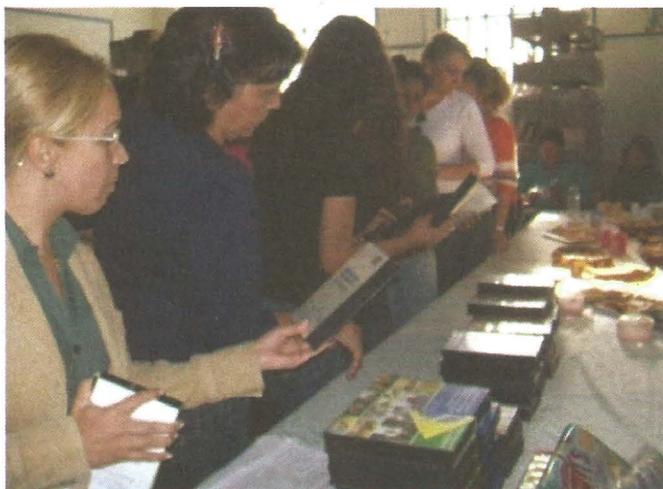


Figura 4. Distribuição de material aos professores

Também cabe a esse núcleo disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva, de acordo com o Decreto nº 5626, art. 14.

2.3. Núcleo de convivência

Esse é um espaço para troca de experiências, pesquisas e desenvolvimento de atividades culturais e lúdicas, entre pessoas surdas e ouvintes. Este núcleo oferece cadastro de profissionais que podem colaborar no sistema de ensino como: instrutores surdos para o ensino da Libras; professores surdos e ouvintes para o ensino da Libras, tradutores e intérpretes educacionais; guias-intérpretes; professores para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua; fonoaudiólogos bilíngues e professores de sala de recursos. Cadastro de profissionais surdos para encaminhar ao mercado de trabalho, além de incentivar e a participação dos surdos em seminários, congressos, workshops, cursos e encontros relacionados à surdez (Figura 5).

3. AS PARCERIAS

Para que o nosso trabalho obtenha resultados significativos, precisamos estabelecer parcerias com o propósito de realizar intervenções colaborativas, de modo a atender às demandas dos alunos com surdez. Nesta perspectiva, temos

desenvolvido estratégias de articulação sistemática com os Núcleos de Apoio Pedagógico Especializado - NAPES e com a Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Rio de Janeiro — APILRJ (Figura 6).

O NAPES foi criado a partir da resolução SEE/2.895 de 2005, tendo como objetivo a implementação da política de inclusão nas

escolas da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. Atualmente, são 30 NAPES implantados em todas as regiões do Estado, com a função de atender as escolas de sua região, que possuam alunos com necessidades educacionais especiais incluídos em classes comuns, além de promover formação continuada aos professores da sua região, favorecendo assim, a política de inclusão nas escolas da Rede Estadual do Rio de Janeiro.

O CAS RJ procura atender as solicitações dos NAPES quanto a: disseminação de informações sobre a Educação de Surdos, formação continuada de professores para o atendimento as necessidades educacionais dos alunos surdos, ensino da Língua Brasileira de Sinais, ensino da Língua Portuguesa como segunda língua, além de viabilizar avaliações de intérpretes educacionais e encaminha-los para as escolas da Rede Estadual de Ensino, propiciando aos surdos o acesso à educação com qualidade.

A APILRJ é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2007, que representa os profissionais tradutores/intérpretes de Língua de Sinais - TILS para Surdos. Essa Associação tem participado das bancas avaliadoras para qualificação dos TILS que atuarão na rede estadual de ensino. Além de ser responsável pela contratação e gerenciamento da vida funcional deles.

Também contamos com o assessoramento técnico do MEC/SECADI/INES, necessário para a formação e atualização



Figura 5. Alunos surdos participando de curso (Mídias na Educação) *on line* com apoio do CAS RJ

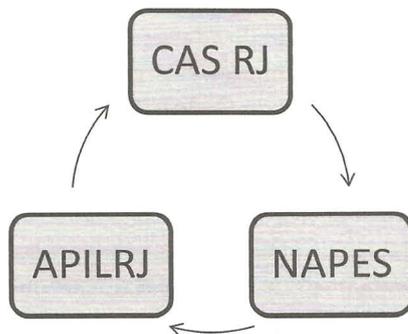


Figura 6. Parcerias Sistemáticas.

das equipes dos CAS. Além de nos auxiliar na viabilização de cursos de formação continuada e aquisição de material didático pedagógico para distribuímos aos profissionais que atuam na área da surdez em todas as regiões do Estado.

4. ADAPTAÇÃO CURRICULAR: ATUAÇÃO DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL

Os alunos surdos incluídos em Classes Comuns e alunos surdocegos incluídos no CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos necessitam de adaptações curriculares variadas para que alcancem um bom desempenho educacional, assegurando o princípio da equidade. Sendo assim faz-se necessário dentre outras, à inclusão do TILS no quadro de profissionais da educação. Entendemos que esse profissional é a adaptação curricular mais significativa para a inclusão desses alunos. Importante destacar o Art. 23 do Decreto nº 5626/2005: "*As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação*".

Visando uma atuação de qualidade na rede estadual de ensino, torna-se de fundamental importância que o intérprete comprove sua proficiência em Libras, ou seja, compreensão e expressão da Libras/Língua Portuguesa e vice-versa. Essa comprovação poderá ser realizada das seguintes formas: Certificação Nacional de Proficiência — PROLibras; Certificação de conclusão de curso para Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras pela APIL RJ — Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do RJ ou pela FENEIS — Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos; ou Declaração de aptidão realizada pelo CAS RJ, após aprovação da banca avaliadora.

O processo de avaliação do CAS RJ para TILS tem sido uma das relevantes funções em cumprimento as exigências da SEEDUC, em prol a educação dos alunos surdos. Visa o compromisso e o respeito aos alunos incluídos na rede. Essas avaliações realizadas em parceria com a APIL RJ verifica o desempenho e incentiva o crescimento dos profissionais TILS que atuam, ou pretendem atuar na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.

5. CONCLUSÃO

O MEC/SECADI/SEEDUC conferiu ao CAS RJ um serviço de apoio ao sistema de ensino, promovendo ações que otimizem a integração social da pessoa surda, deficiente auditiva e surdocega, assim como a orientação dos profissionais que atuam nessa área. Para isso, o CAS RJ vem promovendo suas ações em parceria

com os NAPES e a APILRJ, orientando professores, intérpretes e alunos surdos incluídos na rede estadual de ensino, além de encaminhar os intérpretes para atuar nas escolas junto a estes alunos.

Nossa intenção é atender com presteza, e cada vez melhor, às variadas demandas decorrentes da diversidade das programações escolares e comunitárias, atendendo as solicitações dos serviços de professores e intérpretes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Lei Nº. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências.

BRASIL. *Decreto nº 5626. Regulamenta a Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Diário Oficial da União, 22/12/2005.

FELIPE, T. A. *Libras em Contexto: curso básico*. Livro do estudante. Brasília, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2007.

MEC. *CAS - Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez*. SEESP - Secretaria de Educação Especial: Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos. Brasília/DF, 2006

MAGALHÃES, C. *Atuação dos Intérpretes de Libras na Educação de Surdos no Âmbito da Rede Estadual de Ensino: Projeto CAS RJ*. Rio de Janeiro, FIJ, 2009.

Uma experiência de inclusão no curso de Libras

Vitória Fidelis Ferreira¹
e-mail: airotiv@zipmail.com.br

Introdução

O Instituto Nacional de Educação de Surdos — INES, desde o ano de 2000, oferece o curso de Língua Brasileira de Sinais — Libras através do Departamento de Desenvolvimento Humano Científico e Tecnológico e da Divisão de Formação e Capacitação de Recursos Humanos — DFCRH.

Com o objetivo de disseminar a Libras², proporcionar a comunicação e a inclusão da pessoa surda na sociedade, o curso tem como público alvo os familiares de surdos, profissionais do INES, profissionais diversos e comunidade em geral. São 5 níveis e as aulas são oferecidas duas vezes por semana, em horários entre manhã, tarde e noite, totalizando 250 horas.

A cada ano, o referido curso vem aprimorando a apresentação do seu conteúdo com suas estratégias de ensino e uma metodologia contextualizada que facilita a compreensão e o aprendizado da Libras por parte dos alunos.

O reconhecimento da Libras como uma língua ou seja, “meio legal de comunicação e expressão e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil” através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, foi um marco significativo na história do Surdo. A partir de então, fica a cargo do governo o apoio ao uso e a difusão da Libras.

A Língua conquista seu espaço, passa a ser incluída como disciplina obrigatória nos cursos de nível superior de Formação de Professores e de Fonoaudiologia.

Esses fatos têm contribuído para o aumento da procura pelo aprendizado dessa língua através dos cursos livres. O INES já registrou no curso uma média de 600(seiscentos) alunos matriculados. Atualmente, observamos o número crescente de pessoas com o conhecimento da Libras, mas a procura pelo curso ainda é significativa.

Um detalhe a ser observado

Esclarecemos que o curso de Libras do INES é um curso destinado às pessoas ouvintes e que tem como objetivo a aprendizagem desta língua para a comunica-

¹ Pedagoga/Especialista em Deficiência Auditiva e Atendimento Interdisciplinar/Professora do INES/ Coordenadora do curso de Libras do INES.

² A palavra Libras vem grafada maiúscula para indicar que se trata da Língua de um grupo que luta por seus direitos políticos, linguísticos e culturais.

ção com o surdo. Vários têm sido os desafios para atender as demandas que nos chegam, por exemplo, alunos surdos que por apresentarem perda de audição entre leve e moderada ou serem ensurdecidos (perda da audição após terem uma linguagem estruturada) a coordenação do curso entendeu ser possível a frequência às aulas. E de fato, o aprendizado da Libras por estes alunos contribuiu para a comunicação com pessoas surdas e ouvintes.

Ultimamente experimentamos outro desafio no curso. Alunos não alfabetizados e alunos com baixa visão. São dois grupos distintos inseridos nas turmas.

Ter esses alunos no curso de Libras exigiu da coordenação e dos professores um olhar diferenciado na condução do ensino, nas estratégias e recursos materiais de apoio que permitissem uma aprendizagem efetiva.

A coordenação do curso de Libras tem se empenhado em buscar recursos para superar esses grandes desafios que juntamente com o esforço dos alunos para buscar um resultado satisfatório.

Curiosidade

Aos alunos com baixa visão, mencionados anteriormente, foi perguntado sobre o interesse em ingressar no curso de Libras, a resposta foi imediata e unânime em afirmar que o receio de perder o restante da visão que possuem os levou a matricular-se no curso e pensar que aprendendo a Libras não só teriam mais um apoio na sua forma de comunicação como também garantiriam o contato com alguns amigos surdocegos³. Eles se referem a uma das formas do Método Tadoma.⁴

Práticas para inclusão em sala de aula, um novo desafio no curso

A coordenação do curso preocupada com o aprendizado e o aproveitamento por parte desses alunos e também com as estratégias aplicadas pelo professor no ensino da Libras para pessoas com essas características, vem se empenhando em adotar novas estratégias e municiar o professor para melhor atender os alunos em questão.

Para o grupo de alunos não alfabetizados, o conteúdo é o mesmo para todos da turma naquele nível. As explicações em sala são realizadas em Libras, sem a prática da escrita da Língua Portuguesa, apoiadas por figuras, dramatizações e ou vídeos.

Quanto às atividades destinadas aos alunos, quando aparecem as partes escritas, estas são substituídas por sinais. Veja os exemplos dos exercícios abaixo.

³ "A pessoa surdacega apresenta perda visual e auditiva combinada e é tratada como deficiência única". A perda destes sentidos leva a pessoa a ter necessidades específicas para ter acesso à comunicação, às informações e orientações, bem como à mobilidade.

⁴ O Tadoma é um método de comunicação utilizado pelos indivíduos surdocegos.

1. Neste exercício o professor descreve em Libras o numeral ordinal e as características da figura. O aluno identifica a figura, recorta e cola no local correspondente.
2. Neste exercício o enunciado da questão é feita em Libras e o aluno marca o sinal que corresponde ao número cardinal solicitado.

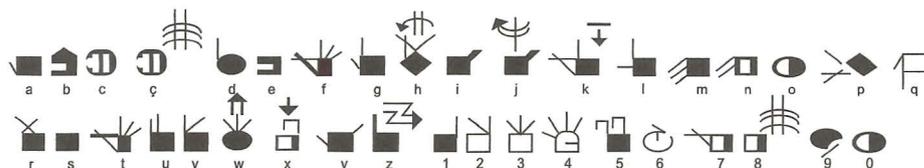


Como se trata de uma língua visoespacial, as pessoas não escolarizadas se identificam mais facilmente com o seu aprendizado quando se empenham em aprendê-la.

Durante as aulas, os professores estão sempre atentos observando todos quanto à compreensão, assimilação e aplicação dos conteúdos.

Para dar maior segurança aos professores que trabalham com esses alunos, são realizadas reuniões semanais de acompanhamento das tarefas e suporte pedagógico garantindo eficácia no ensino e na aprendizagem.

Abro um parêntese para uma reflexão e possibilidade para as pessoas não escolarizadas que apreendem a Libras. Seria viável a aprendizagem da Libras com a Escrita da Língua de Sinais (ELS) — O Sign Writing.⁵



Para o grupo de alunos com baixa visão, o conteúdo também é o mesmo para todos da turma naquele nível. O professor precisa tomar alguns cuidados como:

- reservar um lugar mais próximo da lousa e da tela da TV para eles;
- se preocupar em estar sinalizando o mais próximo deles;
- cuidados no sinalizar, evitando movimentos bruscos e rapidez nos sinais;
- os exercícios, as figuras e tudo o que for apresentado em papel deve ser ampliado;
- preferencialmente, colorido para alguns e preto e branco para outros, para proporcionar a eles maior nitidez do conteúdo da figura. Contudo o contraste deve ser observado segundo as necessidades de cada um;
- não conter muitas informações numa única folha;
- a figura deve ser cuidadosamente selecionada.

Para ajudar no entendimento e na percepção dos sinais que o professor realiza durante as explicações dos conteúdos, foi disponibilizado um laptop aos alunos para mostrar de forma ampliada o que foi dito pelo professor.



⁵ Escrita de Sinais sem mistério/ Madson Barreto, Raquel Barreto — BH, 2012.



Neste trabalho além das adaptações dos materiais os professores precisaram receber orientações em relação a sua conduta com estes alunos e a turma com relação a eles, permitindo uma inclusão efetiva.

Outras iniciativas importantes foram indicar um profissional para receber uma capacitação no Instituto Benjamin Constant e, posteriormente, nos apoiar realização de um trabalho comprometido com a proposta do curso e na viabilização das ações relativas ao uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais para todos.

O Sign Writing é uma escrita visual direta por meio da qual é possível ler e escrever as Línguas de Sinais sem a necessidade de tradução para a língua oral.

Resultados

Atualmente, estão matriculados no nível I duas alunas não escolarizadas sendo uma delas com baixa visão e ainda três outras alunas com baixa visão escolarizadas. E temos uma aluna com baixa visão no Nível IV. Esta iniciou o curso no nível I, com o seu esforço e o trabalho de apoio realizado pela coordenação e o professor titular, a inclusão da aluna se tornou possível com resultados satisfatórios.

Essa experiência apenas oportunizou o aprendizado da Libras para esse grupo de pessoas com as suas peculiaridades. A situação merece um aprofundamento em estudos e pesquisas e investimentos em recursos materiais.

Referências bibliográficas

ROCHA, S. M. *O INES e a Educação de Surdos no Brasil*. Vol.1. 2ª edição (Dez/2008) - Rio de Janeiro: INES/2008

FELIPE, T. A. *Libras em Contexto: curso básico*, livro do professor/Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC;SEESP, 2001

Texto publicado no D.O.U. de 25.4.2002, Lei nº10.436 de 24 abril de 2002

BARRETO, M. ; BARRETO, R. *Escrita de Sinais sem mistérios* — vol 1, BH, 2012

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAELI, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2001

Movimentos surdos: Percursos significativos na busca da cidadania

Edna Maria dos Santos¹
e-mail: andesan_1121@botmail.com
Instituto Federal de Sergipe - IFS

Alessandra Rezende dos Santos Andrade²
e-mail: suicivin@yaboo.com.br
E. E. Vicente Machado Menezes

Resumo

Este artigo objetiva relatar as experiências dos diferentes movimentos Surdos numa perspectiva histórica da E. E. Vicente Machado Menezes de Itabaiana/SE, como manifesto de comemoração e luta ao dia Nacional do Surdo na busca de sua cidadania - direito à preservação e livre expressão de sua Cultura e construção de sua Identidade. De modo que a realização dessa vivência contribuiu na mudança de postura da escola na sua prática pedagógica e dos Surdos na reafirmação de seus direitos.

Palavras-chave: Inclusão. Cidadania. Movimentos Surdos. Cultura e Identidade Surda.

Introdução

Negar as diferenças culturais significa não considerar que as sociedades modernas se formaram sob a égide de políticas colonialistas, as quais estabeleceram relações hierárquicas entre diferentes povos e a dominação da metrópole sobre a colônia. Ou seja, indica procurar esquecer a gênese dos sérios problemas relacionados com as culturas de minorias.

A respeito disso há a questão da existência de uma cultura surda que gera dificuldades e incompreensões em alguns. Sobre isso, Skliar ressalta:

Quando se trata de refletir sobre o fato de que nessa comunidade (de surdos) surgem - ou podem surgir — processos culturais específicos, é comum a rejeição à ideia da “cultura surda”, trazendo como argumento a concepção da cultura universal, a cultura monolítica.

¹ Mestranda em Educação (ULHT- Portugal), Prof^a de Libras nos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Sergipe; Prof^a aposentada da rede estadual com experiência em Sala de Recursos Multifuncional.

² Graduanda do curso de Licenciatura Letras Português (UFS), prof^a da Rede Estadual lecionando em Sala de Recursos Multifuncional.

(...) A cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é o seu revés. Não é uma cultura patológica³. (SKLIAR, 1998, p. 28).

Historicamente, os Surdos foram perseguidos pelas pessoas ouvintes, que não aceitavam as diferenças e exigiam única cultura através do modelo ouvintista. São muitas lutas e histórias nas comunidades Surdas, onde o povo Surdo se reúne contra as práticas dos ouvintes que não respeitam a cultura Surda. Sobre isso já tem muitas explicações através das pesquisas, histórias e analogias culturais. (STROBEL, 2008).

Em se tratando de respeito às diferenças, os Surdos na busca do reconhecimento de sua língua, de sua cultura articulam-se a partir de aspirações, reivindicações e lutas através de movimentos surdos, aqui entendidos como movimentos sociais. A comunidade surda vê nos movimentos surdos uma possibilidade de caminhada política de resistência às práticas ouvintistas até então hegemônicas nos diferentes espaços educacionais, sociais e culturais.

Tendo em vista o espaço educacional, este trabalho terá como foco os movimentos Surdos realizados pela escola — promotora na busca da cidadania para todos no cotidiano do ambiente escolar em parceria com a Diretoria Regional de Educação — DRE'3.

Um pouco da história dos Surdos da escola: da exclusão à inclusão

Presencia-se muitas vezes dentro da escola o processo de “exclusão” não só em classe inclusiva como exclusiva. Tal situação nos remete a experiência da professora Edna Maria (recém-chegada) na E. E. Vicente Machado Menezes da cidade de Itabaiana/SE em 1997, lecionando em turma de ensino regular.

Tudo começou a partir da observação inquietante da mesma no tocante a exclusão em que os Surdos eram submetidos (nesse caso segregada — Classe Especial com 15 alunos), isto porque esse alunado não participava ativamente no cotidiano escolar.

Em 2000, já fazendo parte do grupo de professores das Classes Especiais, com um número significativo de trinta e oito alunos Surdos — distribuídos em 03 (três) salas, as inquietações continuaram visto que, a situação permanecia passiva e de discriminação para com os surdos principalmente pela indiferença de todos.

Nesse mesmo ano, estudante do curso de Pedagogia aplicou o Projeto: Surdos X ouvintes e as dificuldades de relacionamento dos alunos do CAIC — Vicente Machado Menezes (antigo nome da escola), com o intuito de mostrar, através de

³ A visão de uma cultura patológica, de um corpo doente/deficiente, da experiência de uma falta ou de uma subcultura (ou não-cultura), é o que geralmente embasa as perspectivas comuns e profissionais de que os surdos são menos que “normal” (portanto, passíveis de serem enquadrados no modelo da “deficiência”). (SÁ, 2006).

instrumental concreto as evidências em foco, de modo a contribuir para a (re)-descoberta de novos caminhos para uma prática inclusiva na escola.

Ao final, através dos dados coletados, apresenta os resultados em reunião com a equipe diretiva, representantes de cada turma (diferentes turnos) e grupo de apoio, onde fica constatado pela maioria que — o fator primordial, dentre outros, era a presença indispensável da Língua de Sinais no ambiente escolar. Visto que, ela só tinha a contribuir na comunicação evitando assim a exclusão de uma minoria na escola. Na verdade, esse projeto foi o primeiro instrumento a dar início a uma escola para TODOS. Fato esse que não ocorria com os mesmos, pois, segundo ARANHA, apud CARDOSO (2003, p. 129):

Há que se buscar soluções para a convivência na diversidade que caracteriza e enriquece, dá sentido e significado. Há que se efetivamente favorecer a convivência e a familiaridade com as pessoas com deficiência, derrubando as barreiras físicas, sociais, psicológicas e instrumentais que as impedem de circular no espaço comum.

Desde então, apesar dos desafios, impasses e conquistas da escola para que os direitos do Surdo fossem respeitados, há hoje uma consciência crescente em todos sobre a importância da inclusão na troca com o diferente. Percebe-se isto, na participação da maioria nos diversos projetos elaborados pela escola e professoras das Classes Especiais e Sala de Recursos (a maioria) com o intuito de promover o respeito mútuo e igualdade.

Projetos como o grupo “Estrelas Silenciosas” — investindo no potencial dos alunos Surdos trabalhando a dança, a música (com o coral) e o teatro — grupo este formado por alunos surdos (maioria) e ouvintes; o projeto "A Difusão da Libras" — nas salas inclusivas onde tinham alunos surdos — o curso era ministrado por eles em sua turma, orientados pelas instrutoras e/ou professoras da Sala de Recursos; O movimento Surdo em homenagem ao Dia Nacional do Surdo (26 de setembro) realizado desde 2006 — uma atividade especial que envolve toda comunidade escolar e comunidade em geral com o objetivo de tornar o ambiente escolar mais inclusivo. Hoje, a escola atendendo a diferentes especificidades ainda é referência na cidade em atender Surdos (maioria).

História dos movimentos Surdos da escola: comemoração e luta

Os Surdos⁴ têm os costumes, os hábitos, as crenças, as ideias, as normas, as tradições, interesses semelhantes e os valores, denominados de Cultura Surda. Essa cultura é viva nas Comunidades Surdas e nas Associações de Surdos que são guardiãs da Língua de Sinais. As diferenças entre os dois mundos, Surdo e

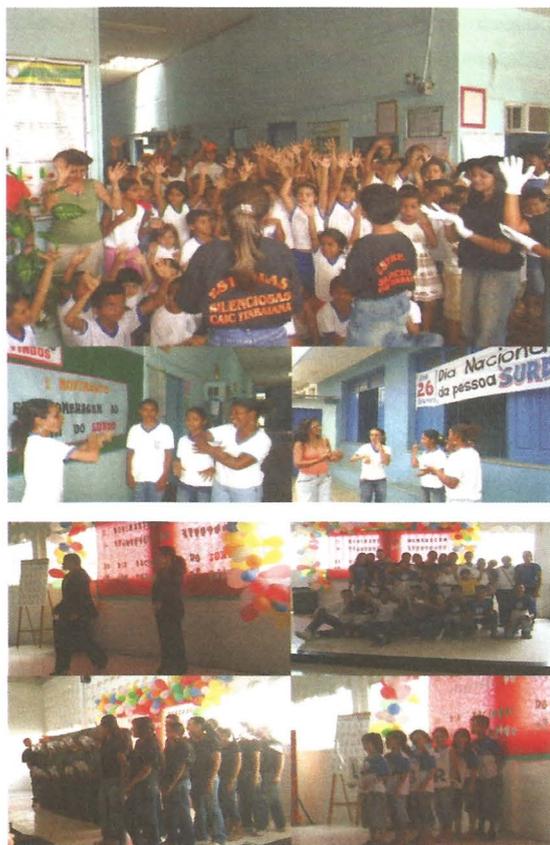
⁴ Escolhemos usar no nosso texto o termo Surdo com letra maiúscula para representá-los como sujeitos culturais e políticos.

ouvinte, estão nos próprios sujeitos, são as vivências e experiências culturais criadas pelos grupos que contribuem para as construções das identidades coletivas. (FERRAZ, 2009).

No que diz respeito à realidade dos nossos Surdos, as vivências e experiências eram realizadas na escola por iniciativa das professoras da Educação Especial⁵ antes da implantação da Associação dos Surdos de Itabaiana — ASI em 2009. O primeiro movimento, em 2006, foi idealizado pela prof^a Edna (quando coordenadora da Educação Especial na Diretoria Regional de Educação - DRE³) e realizado juntamente com as professoras e alunos Surdos da referida escola. A princípio, os alunos ficaram receosos, mas, ao mesmo tempo ansiosos, pois, tinham o **dia 26 de setembro** como um dia de manifestação de sua cultura e identidade não só na escola como em todo o País.

Para sensibilizar a comunidade escolar e a sociedade em geral sobre esse dia, durante o mês de setembro ficou exposto na frente da escola uma faixa. O evento realizou-se apenas no turno matutino como uma manifestação de comemoração e do reconhecimento de sua língua, de sua cultura, através da apresentação do Hino Nacional em Libras — por aluna Surda, do Coral “Estrelas Silenciosas” e finalizando com apresentação teatral sobre o surgimento da cidade.

Em 2007, as expectativas a respeito desse movimento foram maiores, pois, já havia certa consciência por parte de todos. Com o retorno da professora Edna em sala de aula, buscamos envolver toda a escola através do projeto **Vivenciando a Surdez** que estávamos aplicando na Educação Especial objetivando



Fotos 1/2: Edna Maria acervo da E. E. Vicente Machado Menezes — Itabaiana/SE — 2006/2007

⁵ Grifo nosso para especificar as Classes Especiais (D. A.) e Sala de Recursos da escola implantada em 2003.

despertar no aluno Surdo o autoconhecimento como pessoa surda com diferentes abordagens: Informar-se de sua própria história, as causas da sua surdez, da Libras, seus direitos, a cultura e comunidade surda e diferentes atividades para homenagear os Surdos.

A programação foi diversificada para atender os diferentes níveis de turmas e turnos como: Abertura com o Hino Nacional apresentado por alunas Surdas, palestras (proferidas pela prof^a Edna sobre Surdez e Libras), apresentação do Coral “Estrelas Silenciosas”, atividades recreativas e outros - Acrósticos, diálogos, frases, recitação de poema, mensagens, piadas, músicas, jogral, danças e teatro.

A comunidade em geral foi convidada com participação especial do Diretor da DRE’3 e principalmente dos pais, alunos e professores de outras escolas para nos prestigiar. Neste dia, a escola funcionou exclusivamente para este movimento (de acordo com o horário de funcionamento das aulas) que foi um sucesso conforme depoimento de todos envolvidos ou não, que ali se fizeram presentes.

Sobre o movimento surdo, segundo uma pesquisadora surda:

O movimento Surdo tem sido caracterizado como local de gestão da política de identidade surda contra a coesão ouvinte, através de lutas que objetivam, entre outras coisas, questionar a natureza ideológica das experiências surdas e descobrir interconexões entre essa comunidade cultural e o contexto social, em geral. (PERLIN, 1998).

Sob o foco das experiências Surdas, em 2008, o terceiro movimento possibilitou aos educandos surdos mostrar suas habilidades artísticas através de oficinas ministradas por eles (orientados pelas professoras da educação especial) no sentido de difundir e valorizar a Libras no ambiente escolar e aumentar a autoestima dos mesmos. Oficinas como **Libras em Contexto**, **Briquedoteca**, **Teatro**, **Vamos às Compras (mini supermercado)**, **Telelibras**, **Música e Pintura** desenvolvidas em duas horas.

Para participação nestas oficinas, todos da escola e convidados fizeram pré-inscrição optando por uma oficina, para evitar tumulto por conta dos espaços. O evento foi realizado em diferentes locais na escola e DRE’3 seguindo o horário escolar e programação conforme cada turno.

A recepção em ambos os turnos foi no auditório da DRE’3 com abertura de apresentação do Hino Nacional em Libras por alunas Surdas e preleção. Em seguida iniciam as atividades das oficinas onde todos os inscritos com entusiasmo começam seus trabalhos. O público não inscrito acompanhava como ouvinte. Ao término das oficinas todos retornaram ao auditório para a culminância das atividades realizadas, ou seja, apresentaram o que nelas aprenderam encerrando assim o evento. Da mesma forma ocorrendo com o público do turno da tarde (alunos de 5^a a 8^a séries).

Tivemos a presença marcante da coordenadora do Centro de Atendimento ao professor e ao Surdo de Aracaju/SE — CAS acompanhada de comitiva (instrutores Surdos, intérpretes, alunos Surdos e professores) nos prestigiando e elogiando pela iniciativa. O intercâmbio cultural entre ouvintes e Surdos era de tamanha satisfação quando no intervalo (lanche) e encerramento.



Fotos 3/4: Edna Maria acervo da E. E. Vicente Machado Menezes — Itabaiana/SE — 2008/2009

Em se tratando de lutas do Surdo, as questões discutidas pelos movimentos surdos se ampliam e diversificam segundo suas realidades locais e nacionais. No Brasil, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS⁶), fundada em 1987, e a Confederação Brasileira de Surdos (CBS), fundada em 2004, possuem uma representatividade mais ampla. São organizações filantrópicas sem fins lucrativos que desenvolvem atividades políticas e educacionais, lutando pelos direitos culturais, linguísticos, educacionais e sociais dos surdos. São entidades preocupadas com a integração entre os surdos.

Na busca de preservação da Língua de Sinais da Identidade Cultural Surda e o fortalecimento da luta pelos direitos dos Surdos, em 2009, o movimento Surdo se apresenta como **I Encontro Jovens Surdos de Itabaiana** desenvolvido em dois momentos no mês de setembro com o objetivo de promover intercâmbio linguístico.

O primeiro no início de setembro, realizado no auditório da DRE'3 (turno matutino) com ciclos de palestras e temas diversificados como: A história e educação de Surdos no mundo e no Brasil, a escrita de sinais em Libras, a importância das associações dentre outros proferidos por convidados especiais (Surdos) da Associação de Surdos de Salvador. Além disso, diversas apresentações artísticas exibidas por alunos (Surdos e ouvintes) da escola e convidados como Corais, danças temáticas, homenagens, peças teatrais e piadas.

Para o segundo momento, no dia 25 (turno vespertino) foi organizada uma passeata nas principais ruas da cidade com uma grande manifestação de vários Surdos das cidades circunvizinhas principalmente de Aracaju. Foi um movimento que marcou o início de uma nova etapa de lutas do Surdo Itabaiense. A passeata foi acompanhada por um minitrio — onde contamos com instrutores e intérpretes de modo que durante toda a manifestação explicitaram a respeito do movimento, seus anseios e reivindicações. Contamos com a participação maciça de ambos os turnos da escola, pais, e convidados da comunidade em geral com saída e retorno na própria escola.

Em 2010, o movimento Surdo, teve como parceria de luta no dia 27 de setembro, pessoas com deficiências — da Associação de Pais e Amigos Excepcionais — APAE e principalmente da Associação de Surdos de Itabaiana — ASI, intitulado de **Caminhada da Superação em Comemoração a 4ª Semana da Acessibilidade e em Homenagem ao Dia Nacional de Luta do Surdo — Por um mundo sem barreiras, com livre acesso à cidadania**. Sensibilizando a sociedade que direitos são iguais para todos e de possibilitar aos discentes surdos como os demais presentes fazer manifesto de luta por seus direitos.

⁶ Uma organização em nível nacional e referência para as associações e movimentos de surdos no Brasil com sede no Rio de Janeiro. Tem como objetivo divulgar e informar pais, educadores, autoridades e o público em geral, sobre, entre outras coisas, "a capacidade profissional da pessoa surda e sua completa integração na sociedade como membro participante ativo, com seus direitos e deveres". (FENEIS, 1993, p. 7).

A programação contou com dois segmentos. O 1º (no início do mês de setembro) — divulgar e mobilizar sobre a 4ª Semana da Acessibilidade nas Escolas Jurisdicionadas à DRE'03 — com o propósito de que todos se organizassem na elaboração de trabalhos (grupo e individual) com vistas no tema para seleção e premiação após a caminhada. No 2º realizou-se a Caminhada (turno matutino) no dia 27 percorrendo as principais ruas do centro da cidade com diferentes expressões através de carro com som — músicas, cartazes, faixas, grito de guerra e outros.

Fizeram-se presentes pais, amigos, alunos e professores, instrutores surdos, intérpretes, convidados especiais da comunidade em geral e cidades circunvizinhas com saída e chegada na escola finalizando com homenagens, entrega de prêmios e sorteios. Logo após, os grupos de Surdos e amigos convidados foram conhecer a sede da Associação dos Surdos de Itabaiana para intercâmbio cultural e linguístico sobre diferentes discussões. De acordo com Perlin:

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação e do bem-estar social” (PERLIN, 1998, p. 71).



Fotos 5/6: Edna Maria acervo da E. E. Vicente Machado Menezes — Itabaiana/SE — 2010/ 2011

O evento de 2011 teve como foco principal a fundação da Associação dos Surdos de Itabaiana — ASI em 2009. O movimento aconteceu no auditório da DRE'3 (turno matutino) por ficar próximo da escola e facilitar o acesso de todos. Após abertura solene iniciam-se as apresentações dos corais — alunos ouvintes homenageando os Surdos e o Coral “Estrelas Silenciosas”. Em seguida, começa o ciclo de palestras com a presidente da ASI Edilaine e o vice Leonardo (ambos Surdos) expondo sobre a ASI — sua organização, funcionamento e suas ações desde a data de sua fundação, dentre outros temas.

Foi servido um lanche e para encerrar o evento, grupos de Surdos mostraram seus talentos através do teatro — Escolinha do Chaves e danças de Salão (Forró e Bolero) projeto (TCC de um aluno do curso de Dança da UFS) em parceria com os Surdos da Associação e a professora Alessandra da Sala de Recursos. Fizeram-se presentes a diretora e coordenadora da educação especial da DRE'3, instrutores, intérpretes, pais e demais convidados da cidade e circunvizinhas principalmente de Aracaju.

Considerações finais

Os surdos são um grupo minoritário que está lutando para que sua cultura seja incluída, no contexto social, como legítima.

Diante disso, a exposição do que foi relatado a respeito dos diferentes movimentos foi uma forma de mostrar a realidade do mundo Surdo e as limitações que ainda sofrem na sociedade no que diz respeito à sua língua e a cultura Surda. Foi pensando no respeito à diversidade e na valorização dessa cultura que nós professoras da Educação Especial da escola, em parceria com a Diretoria Regional de Educação e, principalmente, com os alunos Surdos, investimos nesse desafio na luta pelos seus direitos.

É interessante ressaltar que, agora com a fundação da associação dos Surdos na cidade, os movimentos se fortalecerão cada vez mais visto que, apesar de as Associações de Surdos estarem hoje vivendo um momento de “crise” na sociedade, ainda continuam na luta para garantir seus direitos já previstos nas leis.

Referências bibliográficas

- CARDOSO, Roseni Silvano. Apoio pedagógico ao surdo incluído no ensino regular. In: II Congresso Internacional do INES, 2003, Rio de Janeiro. *Surdez e Escolaridade: Desafios e Reflexões*. Anais, Rio de Janeiro: INES, 2003. p. 129 a 133.
- DE PAULA, Liana Salmeron Botelho. *Cultura Escolar, Cultura Surda e Construção de Identidades na Escola*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.3, p.407-416, Set.-Dez. 2009.
- FENEIS. *Relatório Anual*: 1993. Rio de Janeiro: FENEIS, 1993.
- FERRAZ, Rafael de Araújo. *O Mundo dos Surdos: Passeata dos Surdos — luta e comemoração*. Monografia de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Estudos Surdos: Cultura e Diferença. Faculdade Santa Helena. Recife/PE, 2009.
- KLEIN, Madalena. *Movimentos Surdos e os discursos sobre Surdez, Educação e Trabalho: A constituição do Surdo Trabalhador*. (UFRGS) 1999.

PERLIN, Gládis T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. 192p.

SÁ, Nídia Limeira de. *Existe uma Cultura Surda?* Texto extraído do livro: *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: _____. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998b. p. 7-32.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

_____. *Surdos: Vestígios não Registrados na História*. Tese de Doutorado em Educação UFSC. Florianópolis: 2008.

Aconteceu



O XI Encontro do Grêmio Estudantil do INES — GINES, este ano, teve como tema central o *Bullying*, que foi abordado de diferentes formas: por meio de Conferências, Mesas Redondas, peça de teatro, filmes e Debates.

A Conferência de abertura “Conversando sobre Bullying”, com o Prof. Dr. Carlos Alberto Mattos, psicanalista, contou com uma interessada plateia de 286 pessoas, sendo em sua grande maioria alunos da Instituição.

Em seguida, houve a exibição do filme “Cyberbully” que abordou várias questões sobre o tema, possibilitando um rico debate entre os participantes do evento e profissionais de diversas áreas.

Os profissionais surdos do INES prepararam uma peça de teatro abordando questões importantes sobre o *Bullying*, de forma leve e divertida.



Dados revelam que a grande maioria dos adultos e adolescentes já sofreu algum tipo de agressão física ou verbal e na Mesa Redonda sobre “Bullying e Superação” relatos emocionados de pessoas surdas nos fizeram refletir sobre este assunto.

Na Conferência “Falando sobre Bullying”, a Mestre em Educação e Professora do Laboratório de Libras do Instituto Helena Antipoff, do Rio de Janeiro, Mônica Astuto Lopes Martins, relatou sobre o tema de forma bem didática, utilizando muitas vezes sua própria experiência pessoal como exemplo.

O Encontro terminou com a exibição do filme “Chega de Bullying”, vencedor do I Festival de Cinema do INES - FESTCINES, do Diretor Lúcio Lugão.

Normas para publicação na revista Arqueiro

A revista Arqueiro tem como missão divulgar práticas relacionadas à educação de surdos e à educação especial. Os interessados devem enviar os artigos para o endereço conselhoeditorial@ines.gov.br obedecendo as seguintes normas:

- título em negrito centralizado;
- identificação de autor ou autores com e-mail e instituição de origem, logo abaixo do título, em fonte tamanho 10, do lado direito da página;
- citações e bibliografia de acordo com as Normas da ABNT;
- formatação em papel A4; margens superior e inferior com 4,5cm; margens direita e esquerda com 3cm;
- extensão de cada matéria com, no mínimo, seis páginas e, no máximo, com dez páginas;
- corpo do texto com fonte em Times New Roman, tamanho 11 e alinhamento justificado.

Os trabalhos serão submetidos à Comissão Editorial do INES, que revisará os que forem aprovados.

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Comissão Editorial

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br



Aula de linguagem das classes adiantadas
Década de 30 - INES

Capa: Imagem de referência: O cortejo de Dionísio.
Baixo-relevo, Museu Nacional de Nápoles

Realização

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Ministério
da Educação

